

v. 3, n. 1 – ISSN 2316-395X

Café Ponto Chic como um espaço de memória: uma discussão sobre patrimônio cultural, convivência e o Café Senadinho¹

Café Ponto Chic as a memory space: a discussion about cultural heritage, sociability and Café Senadinho

Café Ponto Chic como un área de memoria: una discusión sobre patrimonio cultural, convivencia y Café Senadinho

Isabella Cristina de Souza²

Recebido em: 28/11/2013

Aceito para publicação em: 2/1/2014

¹ Este artigo apresenta alguns dos resultados da pesquisa realizada para o trabalho de conclusão de curso defendido em fevereiro de 2013, intitulado “Ponto Chic, um ponto de encontro: a trajetória do Café Senadinho na sociabilidade urbana de Florianópolis”, sob a orientação da Profa. Dra. Andréa Ferreira Delgado.

² Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Resumo: Na esquina das Ruas Felipe Schmidt e Trajano, em Florianópolis, foi aberta em 1948 uma cafeteria que viria a se transformar em um tradicional ponto de encontro e sociabilidade da cidade de Florianópolis: o Café Ponto Chic, mais conhecido pelo apelido de Senadinho. Após décadas atuando como um espaço constitutivo do cotidiano de muitos moradores ilhéus, o Café seria fechado, em 2004, por problemas financeiros. Alguns clientes do estabelecimento, não conformados com seu fechamento, se organizaram e criaram um movimento que procurava justificar o Café como um patrimônio da cidade, intitulado SOS Ponto Chic – Movimento Popular pela Reabertura do Café Ponto Chic. Nesse processo, diferentes discursos de patrimonialização emergiram, e neles apenas alguns marcos da trajetória do Café foram retomados e ressignificados. Nesse sentido, este artigo investiga quais são os marcos da história do Ponto Chic a que esses diferentes discursos de patrimonialização dão visibilidade, atuando no processo de “enquadramento de memória” sobre a cafeteria. Como resultado desse movimento, o Café Ponto Chic reabriu suas portas, mas com nova aparência. Também se reivindicou a construção de painéis que deveriam ser expostos no espaço do novo Café, contando a trajetória do Ponto Chic na história de Florianópolis. Tais painéis, além de enquadrar uma determinada memória sobre a cafeteria, criavam uma aura de lugar de memória e de um espaço diferenciado da cidade.

Palavras-chave: memória; patrimônio; sociabilidade; Café Ponto Chic; Florianópolis.

Abstract: A café was opened, in 1948, on the corner of Felipe Schmidt and Trajano streets in Florianópolis. This café would later become a traditional meeting and fraternization point in the city of Florianópolis: the Café Ponto Chic, better known as Senadinho. After decades acting as an integral space of everyday life for many of the island's residents, the café closed in 2004, due to financial problems. A group of customers, unwilling to accept its closure, organized the “SOS Ponto Chic Movement – a movement to reopen the Café Ponto Chic” aimed at preserving the café as a cultural heritage site. In this process, different standpoints emerge regarding cultural heritage and among them some of the Café's trajectory are resumed and redefined. Thus, this article investigates landmarks in the history of the Ponto Chic to which these different standpoints of cultural heritage give visibility, acting in the process of “memory embodiment” in relation to the café. As a result of this movement, the Café Ponto Chic reopens its doors, but with a new appearance. The building of panels was also included in the new Cafe space, depicting the trajectory of Ponto Chic in the history of Florianópolis. These panels, in addition to embodying a certain memory of the café, created an aura of place of memory and a differentiated space in the city.

Keywords: memory; cultural heritage; fraternization; Café Ponto Chic; Florianópolis.

Resumen: En la esquina de las calles Felipe Schmidt y Trajano, en Florianópolis, fue inaugurado en 1948, una cafetería que más tarde se convertiría en un tradicional punto de encuentro y sociabilidad de la ciudad de Florianópolis: Café Ponto Chic, mejor conocido por el apodo de Senadinho. Después de décadas actuando como un espacio constitutivo de la vida cotidiana de muchos residentes de la ciudad, el Café se cerraría, en 2004, por problemas financieros. Algunos clientes del establecimiento no se conformaron con su cierre, se organizaron y crearon un movimiento que intentó justificar el Café como un patrimonio de la ciudad, titulado “SOS Ponto Chic - Movimiento Popular pela reabertura do Café Ponto Chic”. En este proceso, diferentes discursos de patrimonio emergen y en ellos, sólo algunos hitos de la trayectoria del

Café se reanudaron. En este sentido, este artículo investiga cuáles son los hitos en la historia de Ponto Chic a que estos diferentes discursos dan visibilidad, actuando en el proceso de “encuadramiento de memoria” de la cafetería. Como resultado de este movimiento, el Ponto Chic café reabre sus puertas, pero con nuevo aspecto. También se reivindicó la construcción de paneles que deberían ser fijados en el espacio del nuevo Café, contando la trayectoria del establecimiento en la historia de Florianópolis. Estos paneles, además de encuadrar un recuerdo especial de la cafetería, creaban un aura de lugar de memoria y un espacio diferenciado de la ciudad.

Palabras clave: memoria; patrimonio; sociabilidad; Café Ponto Chic; Florianópolis.

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que o café³ é uma bebida extremamente presente no cotidiano da maioria das pessoas. Tomamos café para começar mais um dia de trabalho, para fazer uma pausa e relaxar, para travar conhecimentos, para juntar amigos e família; não nos faltam motivos para tomar “um cafezinho”. Não é à toa que, para além dos limites da vida privada, facilmente encontramos nas ruas das cidades um Café ou cafeteria, aberto aos mais variados tipos de frequentadores. Certamente são locais de convívio e sociabilidade importantes na constituição de uma cidade. É por essa razão que os Cafés – assim como bares, lanchonetes, restaurantes – devem ser olhados criticamente e problematizados pelos historiadores e historiadoras, visto que contribuem para a compreensão da história de uma cidade.

De acordo com Ana Luiza Martins (2008), em *História do café*, as primeiras cafeterias brasileiras surgiram no Rio de Janeiro, ainda no período colonial. Por volta de 1799 registravam-se no varejo cerca de 40 “casas de café”, ao lado de 334 tavernas. Nesse momento, os Cafés eram olhados com desconfiança, porque estavam associados aos antigos botequins, onde se vendia apenas vinho a frequentadores que não eram muito bem-vistos pela sociedade (MARTINS, 2008, p. 178). Segundo a historiadora Glaucia Dias Costa (2004), até a criação da instituição alimentar que conhecemos hoje, era comum consumir refeições fora de casa em lugares que vendiam bebidas alcoólicas, como as tabernas, onde havia bebidas e comidas preparadas de forma simples e barata. Esses estabelecimentos serviam alimentos do estilo “popular”, em vez de pratos elaborados (COSTA, 2004). Um espaço de convívio e sociabilidade mais requintado que as tabernas eram os Cafés. No Brasil, com o crescimento da vida urbana, cada vez mais as cafeterias foram surgindo e se popularizando, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX.

Diversos trabalhos refletem acerca das cafeterias em termos de espaços de sociabilidade próprios das cidades e das elites. Ângela de Castro Gomes analisa a intelectualidade carioca nas décadas de 1920 e 1930 e demonstra que as redes de sociabilidade são compostas por diversos espaços de encontro da cidade, fundamentais para analisar e compreender o movimento de formação e de circulação de ideias – tais espaços eram os salões, as livrarias, as academias, as escolas, as revistas e também as cafeterias (GOMES, 1993).

Não apenas no Rio de Janeiro, mas em várias cidades brasileiras os Cafés foram surgindo e se constituindo em espaços importantes do cotidiano citadino. Maiara Gonçalves da Silva demonstra que os Cafés eram um dos principais espaços frequentados por literatos e intelectuais em Natal, nas primeiras décadas do século XX. Como no período essa cidade não possuía uma academia literária, os encontros dos intelectuais eram realizados

³ Neste trabalho, utilizamos a palavra “café”, em minúsculo, para a bebida, e “Café”, em maiúsculo, como palavra equivalente a “cafeteria” ou quando o texto se refere ao Café Ponto Chic. Tal diferenciação serviu, em vários trechos, para evitar ambiguidades.

em locais distintos – salões, clubes, livrarias e nas cafeterias –, como no Café Majestic, analisado por Silva (2013) em seu estudo. Bernardo Lewgoy afirma que em Porto Alegre os Cafés eram espaços significativos na vida urbana, sendo locais de encontro das elites econômica e cultural, entre as décadas de 1920 e 1940. De acordo com o autor, eram espaços associados a ambientes luxuosos e requintados, exibindo um estilo de vida ligado ao ideário de modernidade (LEWGOY, 2009).

Em Florianópolis – cidade onde está localizado o Café Ponto Chic, objeto de estudo desta pesquisa – o surgimento de Cafés e confeitarias está relacionado com a remodelação do espaço urbano por que a cidade passara nas primeiras décadas do século XX. Conforme Hermetes Reis de Araújo (1989), o aburguesamento de uma parcela da sociedade local, a distância social cada vez maior que a separava das classes mais humildes e o papel da cidade como sede do governo estadual foram fatores responsáveis pelo desejo de transformar Florianópolis em uma cidade mais “moderna e sadia”, o que gerou distinção social clara e efetiva. A remodelação do espaço urbano ocorreu em diversas cidades do país, principalmente nos maiores centros urbanos (ARAÚJO, 1989, p. 12-13).

Surgiram, nesse período, novos estabelecimentos comerciais na cidade, que possibilitaram outras opções de sociabilidade burguesa não restritas apenas aos clubes ou salões. A cidade ganhou Cafés e cinemas, o que era um sinal de modernidade e de estar em compasso com o modelo urbano mais próximo à realidade brasileira, que era o Rio de Janeiro. À noite, os Cafés conservavam-se abertos até as primeiras horas da madrugada. A partir do segundo decênio do século XX, as confeitarias, os Cafés e os cinemas surgiram como alternativas saudáveis para as antigas tabernas. Os espaços de beber, como afirma Glaucia Costa, não estavam mais relacionados com a ideia de atraso e de imoralidade (COSTA, 2004, p. 38).

Foi nesse contexto que se inaugurou o Café Ponto Chic, em 1948, no Edifício São Jorge, sede do extinto Luxor Hotel, na esquina das Ruas Trajano com Felipe Schmidt. Com o passar dos anos, esse estabelecimento transformou-se em um ponto de encontro daqueles que desejavam discutir as últimas questões associadas a política, esportes, cultura e outros temas em evidência na cidade de Florianópolis.

Um dos aspectos que singularizam o Ponto Chic perante as demais cafeterias da cidade é a Confraria Senatus Populusques Florianopolitanus, ou Senadinho, criada em setembro de 1979 por Edy Leopoldo Tremel e Ludwig Wolfgang Rau, com o objetivo de reunir os clientes mais assíduos do estabelecimento. Com o passar dos anos, a cafeteria ficaria sendo mais conhecida pelo apelido Senadinho do que por seu nome oficial.

O principal ritual da confraria era a entrega anual de “diplomas” aos escolhidos “senadores”, que eram, em sua maioria, personalidades da cidade que frequentavam o Café. O primeiro diploma foi entregue em 1979 para o então Presidente da República, General João Baptista Figueiredo. O fato ocorreu em meio à chamada Novembrada, que se constituiu em diversos protestos contrários ao regime ditatorial, resultando em tumultos e processos com base na Lei de Segurança Nacional. Esse fato projetou o Café nacionalmente por meio da imprensa⁴. A diplomação do Senadinho, na virada para o século XXI, já contava com mais de 300 senadores.

Após décadas atuando como um espaço constitutivo do cotidiano de muitos moradores ilhéus, o Café Ponto Chic fechou suas portas em 2004, por conta de problemas financeiros. O espaço da antiga cafeteria passaria a abrigar uma agência financiadora. Alguns clientes do estabelecimento, não conformados com seu fechamento, se organizaram e criaram o Movimento SOS Ponto Chic – Movimento Popular pela Reabertura do Café Ponto Chic, iniciando uma série de ações que procuravam justificar tal cafeteria como um patrimônio cultural da cidade. Nesse processo, diferentes discursos de patrimonialização emergiram,

⁴ O episódio da Novembrada e a sua relação com o Café Ponto Chic e com a Confraria Senadinho serão analisados mais à frente.

e neles apenas alguns marcos da trajetória desse estabelecimento foram retomados e ressignificados, construindo uma determinada memória sobre esse espaço citadino.

A memória, como afirma Michael Pollak (1989), integra-se em tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. Trata-se de manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum. Nesse sentido, Pollak fala de “memória enquadrada”, citando Henry Rousso, o que indica um “trabalho de enquadramento”. Enquadramento de memória significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referências, o que sugere limites, não podendo ser construído arbitrariamente. É realizado por intermédio de materiais que são fornecidos pela história: esse material pode ser combinado e interpretado de diferentes maneiras, por meio de uma série de referenciais (POLLAK, 1989, p. 9-11).

Nesse sentido, este artigo investiga quais são os pontos de referência – os marcos da história e da trajetória do Café Ponto Chic – a que os diferentes discursos de patrimonialização, produzidos no contexto que procurou justificar a cafeteria como um patrimônio da cidade, dão visibilidade, atuando no processo de “enquadramento de memória” sobre o estabelecimento.

“SOS PONTO CHIC” E OS DISCURSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO

O primeiro encontro do Movimento SOS Ponto Chic resultou na criação de uma carta destinada à então prefeita Ângela Amin, assinada por Rogério Queiroz, Edir Vassalo, Átila Ramos, Anderson Loureiro e João Batista Soares (QUEIROZ *et al.*, 2004). Esse requerimento aponta uma série de motivos que, para os autores, justificaria a importância do Café para a cidade, solicitando o tombamento do local. O Café Ponto Chic, argumentam os autores, já fazia parte da cultura da cidade, onde “democraticamente os moradores se habituaram a bater papo e tomar um cafezinho” (QUEIROZ *et al.*, 2004), além de integrar o roteiro turístico da capital. No requerimento também é lembrado que o estabelecimento abrigava a Confraria Senatus Populusque Florianopolitanus, o Senadinho, que anualmente distribuía diplomas para personalidades da cidade.

No requerimento do SOS Ponto Chic, os autores defendem a ideia de que o Café “pertence de fato a todo o povo de Florianópolis, e que seu fechamento pode acarretar uma desertificação do seu entorno” (QUEIROZ *et al.*, 2004). Por fim, sugerem medidas compensatórias, como isenção de impostos e taxas municipais ao proprietário do Café, permitindo com isso o funcionamento do estabelecimento. E citam o exemplo da Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, que havia sido restaurada e revitalizada.

Em sequência, um novo requerimento foi escrito por Anderson Loureiro, membro do Movimento SOS Ponto Chic, também argumentando a necessidade de “salvaguardar esse que é um dos mais expressivos redutos culturais da cidade” (LOUREIRO, 2004). Assim como na carta anterior, Loureiro aponta que o Café já fazia parte do cotidiano da cidade e de seus moradores. Uma nova justificativa contra o fechamento: o Ponto Chic é considerado um local “de difusão da cultura manezinha”. Outro marco retomado por Loureiro, ausente na carta anterior, é o episódio da Novembrada, momento da entrega do primeiro diploma da confraria: “Uma esquina que se fez ativa diante de um Presidente da República”. A carta é concluída com a solicitação de que o espaço do Café Ponto Chic fosse elevado à condição de uso social, por meio de sua declaração como local de utilidade pública, “com vistas a um futuro tombamento, tendo como fundamento o Estatuto da Cidade, Lei Federal n. 10.257, de 10 de julho de 2001, que trata justamente da política urbana e normatiza os artigos 182 e 183 da Constituição Federal” (LOUREIRO, 2004).

As duas cartas são muito relevantes, porque revelam alguns indícios do significado que tais sujeitos atribuem a patrimônio cultural. Esse discurso vem de indivíduos que não são do “campo do patrimônio”, ou seja, não estão inseridos em órgãos que trabalham com o tema nem são estudiosos do assunto. Para os autores de tais requerimentos, o Ponto Chic constitui-se como um patrimônio porque o Café está fortemente ligado há muitos anos ao cotidiano dos moradores da cidade, sendo um importante local de convivência do centro de Florianópolis. Nos dois requerimentos, o Ponto Chic é sempre relacionado com a “identidade” e a “tradição” da cidade, elementos frequentemente utilizados para justificar o tombamento.

O patrimônio cultural, em recentes debates sobre o tema, é sempre visto por seu caráter “construído” ou “inventado”. Cada nação, grupo, família, instituição constrói, no presente, o seu patrimônio, com o objetivo de articular e expressar sua identidade e sua memória (GONÇALVES, 2005). No discurso dos requerimentos citados anteriormente é possível identificar esse processo de “construção”, ao selecionarem apenas alguns aspectos da trajetória do Café para defender o tombamento, como a Confraria Senadinho, a Novembrada e a relação do espaço com a cultura “manezinha”, considerada a “legítima” da ilha. Dessa forma, ao destacarem alguns aspectos, enquadram uma determinada memória sobre o Café.

O Movimento SOS Ponto Chic também realizou um abaixo-assinado (ABAIXO-ASSINADO..., 2004) nos dias 4 e 5 de outubro de 2004, colhendo 646 assinaturas, em frente ao Ponto Chic. Todo esse material – os dois requerimentos, o abaixo-assinado, mais notícias⁵ da imprensa sobre o fechamento do Café – compõe um dossiê, que foi entregue para a Prefeitura. O dossiê dá visibilidade a determinados discursos, reforçados com algumas notícias selecionadas, que contêm cartas de personalidades da cidade que estavam inconformadas com o fechamento do tradicional estabelecimento.

Uma das notícias intitulada “O charme que ficou para trás”, do jornal *O Estado*, cita alguns marcos da trajetória do Café, como a criação do Senadinho e a Novembrada, e coloca até fotografias sobre a visita do Presidente Figueiredo em 30 de novembro de 1979:

Da janela do palácio, enquanto o governador Jorge Bornhausen falava das obras que havia feito, a manifestação encheu-se de fúria, o presidente Figueiredo tomou o lugar do governador na sacada e fez um gesto obscuro à população (O CHARME..., 2004, p. 8).

Novamente a Novembrada é recordada em uma carta de Edir Vassalo, no jornal *A Notícia*, na qual diz que o Ponto Chic é patrimônio cultural porque “foi lá que se escoraçou na época da ditadura, o Presidente da República, general Figueiredo” (SOS..., 2004). Rogério Queiróz, que iniciou o Movimento SOS Ponto Chic, escreveu uma carta para o jornal *O Estado*, retomando vários pontos que foram mencionados no requerimento para a prefeita Ângela Amin, como a questão do turismo da cidade, a relação do Ponto Chic com o cotidiano dos moradores de Florianópolis e que o Café “pertence de fato e de coração ao povo de Florianópolis”. Também cita algumas práticas que eram comuns na cafeteria:

Estou certo de que milhares de ilhéus não se conformam com esse fechamento, até porque vinha o popular “Senadinho” funcionando ininterruptamente há mais de 50 anos e não é possível que aceitemos passivamente essa “paulada” na cabeça da população da velha Desterro,

⁵ O CHARME que ficou para trás. *O Estado*, Florianópolis, p. 8, 25 e 26 set. 2004; QUEIRÓZ, Rogério. Não deixemos fechar o Ponto Chic. *O Estado*, Florianópolis, 28 set. 2004; MACHADO, Ricardinho. Resgate. *A Notícia*, Florianópolis, 25 set. 2004. ANCapital; SOS Ponto Chic. *A Notícia*, Florianópolis, 25 set. 2004. ANCapital; CUNHA, Miltinho. Ponto Chic. *O Estado*, Florianópolis, 28 set. 2004.

que aí se acostumou a tomar seu cafezinho, fazer seu lanche rápido, bater papo, trocar idéias, negociar um terreninho, etc., e ler, inclusive, as notas de falecimento, porquanto, até alguns anos atrás, era costume colar com fita durex às suas paredes externas, pequenos avisos fúnebres datilografados (QUEIROZ, 2004).

Na coluna de Miltinho Cunha (2004), é expresso apoio ao ex-vereador Rogério Queiroz e ao movimento que procurava reabrir o Ponto Chic. É dito que, junto com Queiroz, “todos os manezinhos” estão reclamando do fechamento do tradicional ponto da Rua Felipe Schmidt. Como se vê, as notícias corroboram os marcos que foram selecionados nos requerimentos do movimento, solidificando e reforçando o enquadramento dessa mesma memória.

Ainda em outubro de 2004 uma equipe do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município de Florianópolis (SEPHAM) elaborou um parecer sobre as possibilidades de preservação do Café Ponto Chic (RIEDERE; ARAÚJO; ROCHA, 2004). Nesse momento, trata-se de um discurso que provém do “campo do patrimônio”, de um órgão especializado no tema. No parecer ressalta-se que o Ponto Chic deveria ser considerado um patrimônio cultural imaterial, já que está relacionado com uma prática, de usos e costumes dos moradores da cidade. E acrescenta que,

se o tombamento tem sido bastante eficaz na proteção do patrimônio de caráter material, ou seja, quando aplicado a edificações, a sítios históricos, obras de arte e outros, se torna ineficaz para proteção e manutenção das manifestações e de bens de natureza imaterial, de caráter processual e dinâmico (RIEDERE; ARAÚJO; ROCHA, 2004).

Nesse caso não há como tomar uma prática social, mas sim fazer o registro dela. O tombamento implica manutenção, pela força da lei, de uma forma original. O registro, por sua vez, envolve sua descrição e categorização. O caráter mutável de um bem imaterial não permite o tombo, e sim o registro. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como patrimônio cultural imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”⁶.

Um ponto a ser considerado é que, nos discursos contemporâneos, foi necessário criar a categoria do “imaterial” ou do “intangível” para designar as modalidades de patrimônio que escapam de uma definição convencional limitada a monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos etc. Essa noção, de acordo com José Gonçalves, expressa a concepção moderna de cultura, em que as relações sociais ou simbólicas ganham maior destaque, em vez dos objetos materiais e das técnicas (GONÇALVES, 2005). Mas é interessante perceber que *patrimônio* é uma categoria que transita entre o material e o imaterial, reunindo as duas dimensões. Apesar de ser um objeto material, é preciso perceber que esse mesmo objeto é indissociável de relações sociais, morais, mágico-religiosas (GONÇALVES, 2005).

O parecer elaborado pelo SEPHAM (RIEDERE; ARAÚJO; ROCHA, 2004) menciona o artigo 216 da Constituição Federal, que ampliou o conceito de patrimônio cultural, reconhecendo sua dupla natureza material e imaterial e estabelecendo, além do tombamento, o registro e o inventário como outras formas de acautelamento e proteção desses bens. Ou seja, apesar de o Movimento SOS Ponto Chic solicitar o “tombamento” do espaço do Café, no caso do Ponto Chic deveria ocorrer o “registro”, por se tratar, na visão do SEPHAM,

⁶ Informações retiradas do site www.iphan.gov.br. Acesso em: 28/1/2013.

de um patrimônio imaterial. No entanto, naquele momento, bens de natureza imaterial ainda não eram regulamentados na Legislação Municipal⁷.

Em março de 2005, o procurador da Subprocuradoria de Urbanismo, Patrimônio e Meio Ambiente (Supama), Norton Makowiecky, deu um novo parecer sobre as possibilidades e a viabilidade de preservação do Ponto Chic. Nas palavras do procurador, o Ponto Chic é um “lugar de tradição e do patrimônio imaterial da cidade” (MAKOWIECKY, 2005). Tal afirmação fazia eco aos discursos do dossiê, o que era muito significativo, pois se tratava de outro sujeito, nesse caso do campo jurídico, que concordava com os argumentos apontados pelo Movimento SOS Ponto Chic.

O procurador levantou três alternativas para a manutenção do espaço:

1. O Tombamento do uso do café Ponto Chic como bem de natureza imaterial;
2. Desapropriação da área específica com vistas ao estabelecimento de café, e um posto de informações turísticas a ser administrado pelo Município;
3. Incorporação por parte do empreendedor em suas instalações físicas do projeto de resgate de memória e manutenção do uso pretendido (MAKOWIECKY, 2005).

Com relação à primeira opção, o procurador menciona “tombamento” de patrimônio imaterial, quando seria “registro”. Isso aponta para o aspecto que Fábio Richter observa em sua dissertação: aparentemente a aplicação da legislação ligada ao conceito de bem imaterial ainda não tinha sido bem compreendida por alguns que dela buscavam fazer uso (RICHTER, 2008⁸), até mesmo por aqueles que estavam dentro do campo do patrimônio, como é caso do procurador. Muitas vezes, ao citar patrimônio imaterial, falava-se do processo de tombamento, e não de registro.

Ainda na primeira opção, Makowiecky lembra que Florianópolis ainda não contava com uma legislação específica para salvaguardar bens de natureza imaterial e alerta que se poderia recorrer à Legislação do Patrimônio Imaterial estadual e federal. Contudo os usos sociais do Café Ponto Chic são considerados, de acordo com o procurador, de interesse apenas local, o que poderia excluí-lo da análise dos órgãos responsáveis (MAKOWIECKY, 2005).

A segunda opção, alega o procurador, geraria um dispêndio por parte do Poder Público, recursos para os quais o município não tinha previsão. Além disso, o proprietário do prédio – morador de São Paulo – não se mostrou muito receptivo com a ideia de desapropriação do local, o que também acarretaria custos para o município, sem contar com os custos posteriores de manutenção do Café.

Quanto à terceira opção, os responsáveis pela instituição bancária – uma agência financiadora que iria alugar o espaço do Café, o Banco IBI – mostraram-se favoráveis em incorporar o Café em seu projeto porque, de acordo com Makowiecky, seria uma forma de agregar valor ao seu produto, bem como de criar uma identificação com a cidade. De fato, essa foi a opção vencedora, que foi oficializada em uma reunião no dia 18 de abril de 2005 (ATA..., 2005).

⁷ A promulgação da legislação relacionada ao Programa Municipal de Proteção e Conservação do Patrimônio Imaterial ou Intangível só ocorreu em junho de 2008. A legislação estipula uma atuação conjunta do SEPHAN com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, para exame das propostas de registro de bens patrimoniais imateriais. In: RICHTER, 2008.

⁸ Fábio Richter, em sua dissertação denominada *Corpo e alma de Florianópolis*, aborda a questão do patrimônio cultural relacionado à cidade de Florianópolis, enfocando a atuação do governo municipal. Nessa perspectiva, o historiador reflete sobre questões do patrimônio imaterial e também analisa tal episódio, que procurou justificar o Ponto Chic como patrimônio da cidade. Suas reflexões foram significativas para esta pesquisa.

A reunião contou com a presença de integrantes da Prefeitura, do Banco IBI S.A. e do Senatus Populusque Florianopolitanus – Senadinho. Durante a reunião foi estipulado um acordo – o IBI comprometeu-se em manter o tradicional ponto do centro funcionando juntamente com sua agência: “A ampliação da área para uso do Café, com acesso interno, sendo que o balcão proporcionará o acesso tanto interno como externo, mediante a utilização de uma terceira abertura do imóvel voltado para a Rua Felipe Schmidt” (ATA..., 2005).

Além disso, o Banco IBI deveria construir painéis com fotos e imagens acerca da história do Café, intercaladas com publicidade da loja no seu espaço interno. As imagens foram cedidas por Edy Leopoldo Tremel, representando o Senatus Populusque Florianopolitanus, e entregues para compor o acervo da Casa da Memória. Por fim, o banco também deveria “patrocinar uma publicação sobre a história do Senadinho e/ou demais Cafés da cidade”. No termo de compromisso também consta a exigência de que os nomes Senadinho e Café Ponto Chic fossem mantidos, apresentados em placas de identificação. É possível perceber pelo documento que os membros da reunião fazem alusão ao Café pelo seu nome oficial, mas também utilizam “Senadinho” não apenas para se referir a uma confraria ou a um grupo específico, mas também a todo o Café.

Ainda que o Café não tenha sido registrado ou tombado, tal como desejavam os integrantes do Movimento SOS Ponto Chic, esse episódio representou um fato novo para o campo do patrimônio da cidade de Florianópolis. Como observa Fábio Richter, o Movimento SOS Ponto Chic apelou para a situação de uso de um espaço, da convivência que por ele era proporcionada e de como isso se constituiria num patrimônio. Ou seja, “não era mais somente um prédio e suas formas que deveriam ser mantidas, mas as relações, as atividades que ele proporcionava, o uso que dele era feito” (RICHTER, 2008, p. 68). Até então, a iniciativa de tombamento de um determinado bem cultural em Florianópolis era tomada, costumeiramente, por agentes estatais. No episódio do SOS Ponto Chic, entretanto, a tentativa de instituir o Ponto Chic como um patrimônio da cidade partiu das pessoas que tinham o Café como parte do seu cotidiano. Depois desse evento, ainda de acordo com Richter, a questão do patrimônio imaterial passaria a constar na pauta dos órgãos municipais ligados ao patrimônio cultural, num primeiro momento em discussões eventuais e, posteriormente, configurado em uma legislação. Dessa forma, a noção de patrimônio começava a se aproximar do cotidiano e do tempo presente (RICHTER, 2008, p. 69).

O Movimento SOS Ponto Chic e a reabertura do Café parecem estar relacionados com os usos sociais do patrimônio, o que implica, como afirma Silvia Helena Zanirato, que a população se sinta identificada com os elementos a serem conservados, que se reconheça neles, para que se tornem representativos dela e para ela. O reconhecimento do pertencimento coletivo dos bens gera esforços comuns para sua conservação e, assim, mais protegidos estarão (ZANIRATO, 2009). Zanirato afirma que a proteção e a conservação de bens culturais devem ser feitas mediante processos de patrimonialização que tenham a participação da comunidade. Mas foi isso o que aconteceu no caso do Ponto Chic?

Apesar de a movimentação em torno da reabertura do Café ter partido de pessoas que frequentavam o estabelecimento, é questionável a afirmativa delas, nos discursos de patrimonialização, de que o Ponto Chic é um bem de todos os indivíduos da cidade e que, da mesma forma, todos possuíam grande afinidade com aquele espaço. Por intermédio das notícias levantadas para esta pesquisa⁹, foi possível perceber que, desde sua inauguração, os

⁹ A coleta de fontes nos periódicos priorizaram algumas datas que tinham relação com momentos significativos da trajetória do Café. A pesquisa nos jornais foi dividida, dessa forma, em três momentos. O primeiro correspondeu à investigação de revistas nos primeiros anos de existência do Café, entre 1948 e 1956. Nesse período, foram consultadas as revistas *Bússola*, *Atualidades* e *Anuário Catarinense*. Para o segundo momento foram pesquisados jornais de 1978 e 1979 – período da criação da Confraria Senadinho. O último, de 2004 e 2005, anos de fechamento e reabertura do Café. Nos dois últimos momentos priorizaram-se jornais de maior circulação na cidade, como *O Estado*, *A Notícia* e *Diário Catarinense*.

jornais tiveram um importante papel na construção de determinadas representações sobre o Ponto Chic e a Confraria Senadinho. Em tais notícias havia um esforço de construir a ideia de que o Café era um espaço de sociabilidade legítimo de apenas determinados grupos de moradores da cidade.

Nas notícias veiculadas a respeito do Ponto Chic nos seus primeiros anos de existência, em fins da década de 1940¹⁰, o Café é descrito como um local luxuoso e requintado, indicando que os seus frequentadores igualmente deveriam possuir as mesmas características. Isso nos leva a crer que possivelmente se tratava de um estabelecimento frequentado por partes da elite da cidade.

Em fins da década de 1970, nos jornais analisados, o Ponto Chic e a Confraria Senadinho eram mencionados em notícias e em colunas sociais, tanto por frequentadores quanto por sujeitos que não visitavam o espaço com regularidade. Quando se criou oficialmente a Confraria Senadinho, em 1979, havia um esforço, por parte de seus membros, de delimitar quem era um legítimo frequentador do Café, merecedor do “diploma” do Senadinho; ele deveria ser um homem de classe média e alta, acima dos 30 ou 40 anos¹¹. Em alguns casos, no mesmo período, quando o discurso partia de pessoas que não frequentavam o Café nem eram membros da confraria, como é o caso do colunista do jornal *O Estado Beto Stodieck*, o estabelecimento é apresentado como um local frequentado por homens idosos, desocupados e politicamente conservadores¹².

Foi apenas a partir de 2004, no contexto em que se tentava reabrir o Café e justificá-lo como um patrimônio da cidade, que o tom nas notícias a respeito principalmente da confraria se modificou: o Café e a confraria tornaram-se uma coisa só e passaram a representar um espaço frequentado por todos os moradores da cidade, símbolo da “tradição” e da “cultura manezinha”, conforme visto anteriormente nos requerimentos e nas notícias.

REABERTURA DO CAFÉ PONTO CHIC E O “MUSEU DO SENADINHO”

Em julho de 2005 as reformas do novo Ponto Chic estavam finalizadas. Todo o espaço que até 2004 era ocupado pelo Café agora é utilizado pelo Banco IBI, ficando reservados apenas 5,5 m² para a cafeteria. Os painéis que contavam a história do Ponto Chic, que chamo aqui de “Museu do Senadinho”¹³, conforme estipulado no acordo, foram anexados ao banco. O texto que compunha os painéis foi desenvolvido por meio de uma pesquisa realizada pela Casa da Memória, gerida pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Os painéis estavam expostos nas paredes do banco até novembro de 2012, quando foram retirados. Seguem fotografias dos painéis para se ter uma noção do conjunto¹⁴:

¹⁰ Ver: PONTO Chic. **Atualidades**, Florianópolis, abr./maio 1948; INAUGURADO sábado o Café e Bar Ponto Chic. **Diário da Tarde**, Florianópolis, 28 mar. 1948.

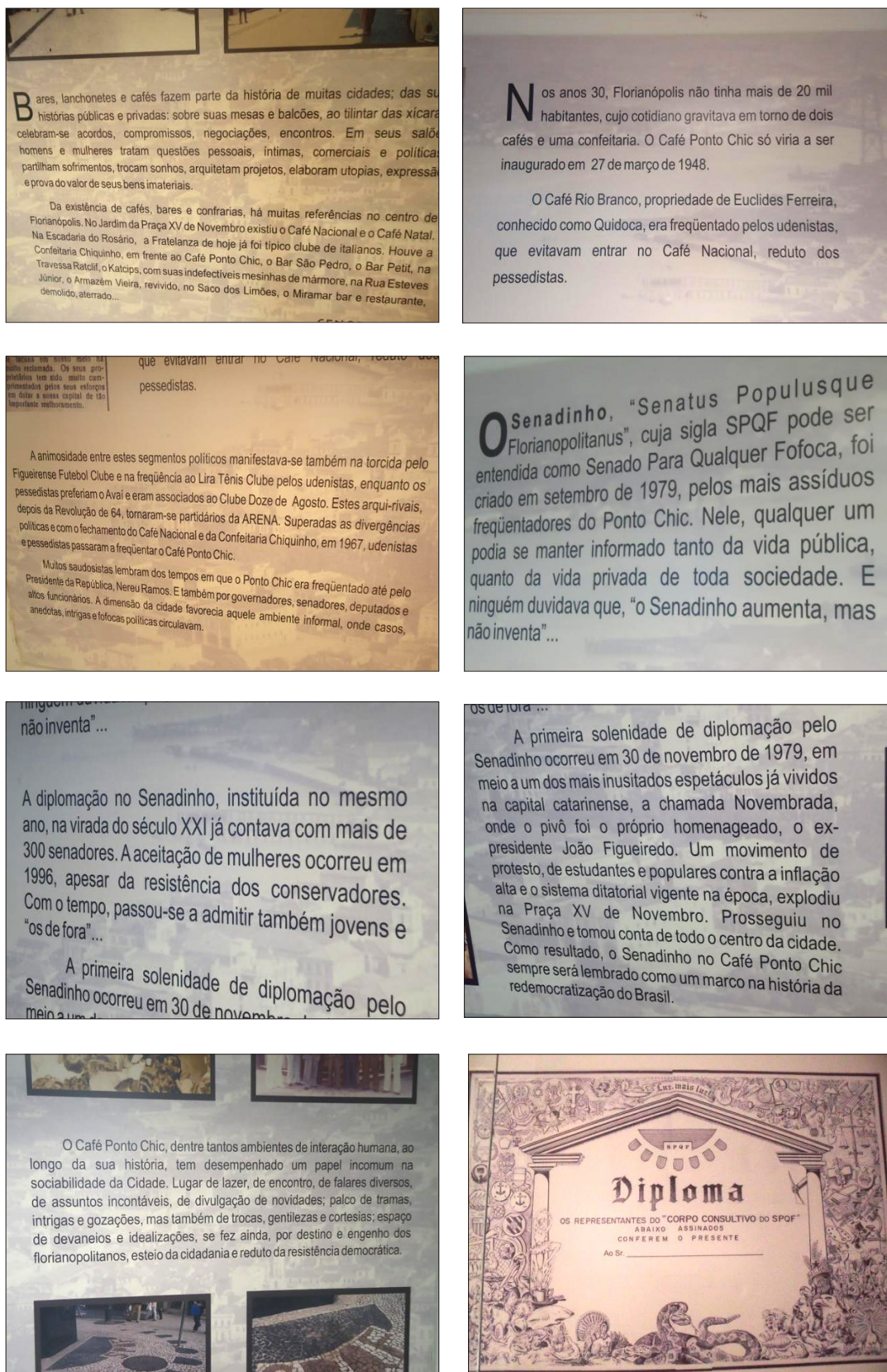
¹¹ Isso é perceptível principalmente na coluna intitulada “Trovas do Senadinho”, do jornal *Diário Catarinense*, escrito por Edy Leopoldo Tremel, criador da Confraria Senadinho, nos últimos meses de 1979.

¹² Ver Stodieck (1978a; 1978b).

¹³ O termo foi retirado da notícia OBRA do Senadinho fica pronta em julho. **A Notícia**, Florianópolis, 17 de junho de 2005. ANCapital.

¹⁴ As imagens dos painéis foram fotografadas pelo gerente do Banco IBI, que não permitiu que eu fotografasse, pois não poderia aparecer o nome do banco.

Figura 1 – Painéis sobre a trajetória do Café Ponto Chic – “Museu do Senadinho”



Fonte: Primária

Os painéis contavam a trajetória do Ponto Chic, expondo aos seus clientes a relevância do estabelecimento na história de Florianópolis. Esse memorial, no entanto, dá visibilidade apenas a alguns pontos dessa trajetória, atuando no processo de enquadramento da memória sobre o Café. Além disso, o “museu” sinalizava aquele como um local diferenciado: demonstrava que não se tratava de uma simples cafeteria, mas de um espaço que teve sua importância para a história da cidade.

O primeiro marco da trajetória do Café Ponto Chic selecionado no “Museu do Senadinho” é o ano de fundação do Café, 1948. Segundo o memorial, nos anos 1930 e 1940 Florianópolis não contava com mais de 20 mil habitantes, cujo cotidiano gravitava em torno de dois Cafés e uma confeitaria. Eram eles o Café Rio Branco, frequentado pelos udenistas, o Café Nacional, reduto dos pessedistas, e a Confeitaria Chiquinho. No entanto, em 1967, com o fechamento da Confeitaria Chiquinho e do Café Nacional, pessedistas e udenistas passaram a frequentar o Café Ponto Chic. Esse aspecto corrobora a imagem do Ponto Chic como “herdeiro” de uma tradição política da cidade. De acordo com os painéis:

Muitos saudosistas lembram dos tempos que o Ponto Chic era frequentado até pelo Presidente da República, Nereu Ramos. E também por governadores, senadores, deputados e altos funcionários. A dimensão da cidade favorecia aquele ambiente informal, onde casos, anedotas, intrigas e fofocas políticas circulavam.

Como se vê, para os sujeitos que construíram o memorial, o fato de ser frequentado por políticos e altos funcionários confere importância ao Café Ponto Chic. Não era uma cafeteria qualquer, afinal, era frequentada até pelo Presidente da República! Nesse sentido, os painéis tendem a demonstrar que a importância do Ponto Chic está configurada, principalmente, no fato de ter abrigado a elite política da cidade ao longo dos anos.

Se o marco inicial no “Museu do Senadinho” foram os primeiros anos de existência do Café, focando o ano de 1948, o segundo marco no texto dos painéis é a criação da Confraria Senadinho, em 1979. Conforme o memorial: “Nele [Ponto Chic], qualquer um poderia se manter informado tanto da vida pública, quanto da vida privada da sociedade. E ninguém duvida que ‘o Senadinho aumenta, mas não inventa’”.

Em novembro de 1979, o então Presidente da República João Baptista Figueiredo faria uma visita à cidade, e membros da Confraria Senadinho aproveitaram a oportunidade para entregar o primeiro diploma da confraria, já que faria parte do roteiro presidencial tomar um cafezinho no Ponto Chic. A entrega do diploma número 1 da confraria atribuiu à solenidade um caráter de homenagem ao então presidente, o que é possível identificar nos versos da “Trovas do Senadinho”¹⁵, publicados no dia 30 de novembro no jornal *Diário Catarinense*, por Edy Leopoldo Tremel, criador da confraria:

O senado se prepara, é a vinda do Presidente; é um fato inusitado, vai bulir com toda gente. / Todo mundo convocado: o rádio, o jornal, a televisão, a fim de que, no dia trinta, haja muita badalação. / Cafezinho com biscoitos, Ponto Chic vai patrocinar; vai ser uma festa e tanto, o Presidente vai gostar. / Presidente Figueiredo, também fato inusitado, receberá um diploma, do presidente do senado (TREMEL, 1979).

O dia da chegada do presidente fora marcado para 30 de novembro. Ao chegar à cidade, Figueiredo foi recepcionado no Palácio do Governador, atual Museu Histórico de Santa

¹⁵ “Trovas do Senadinho” era uma coluna escrita por Edy Leopoldo Tremel, no *Diário Catarinense*, nos últimos meses de 1979. As “Trovas” tratavam, em versos, de alguns acontecimentos da confraria e dos membros dela.

Catarina Palácio Cruz e Sousa, mas no decorrer daquela sexta-feira diversas manifestações contrárias ao presidente aconteceram na cidade. A maior das manifestações ocorreu na Praça XV de Novembro, em frente ao palácio. Um protesto organizado por estudantes contra o regime ditatorial resultou em tumultos e, posteriormente, em processos com base na Lei de Segurança Nacional (MIGUEL, 1995, p. 40-41). Apesar das confusões em frente ao palácio, Figueiredo resolveu seguir o cronograma oficial e ir até o Ponto Chic. Durante a caminhada as provocações prosseguiram. Foi dentro do Ponto Chic, cercado pela segurança, membros da comitiva e fotógrafos, que o primeiro diploma de amigo do Senadinho foi entregue. Edy Leopoldo Tremel foi encarregado de ofertar o diploma, e o fez declamando versos:

O senadinho, honrado / não pensava, francamente, / Que o seu primeiro diploma / Outorgasse ao presidente. / Queira, senhor Presidente / receber este Diploma, / O Senadinho que oferece, / Não se acanha, é coisa boa. / Presidente Figueiredo, / Vossa excelência faz parte / do Senadinho para sempre, [...] / “Plante que o João garante” / é também o nosso lema / plantamos no Senadinho, / garantimos nosso esquema. / Obrigado, presidente, / por esta ilustre visita, / é um fato inusitado, / esperamos, se repita (in VEIGA, 2005).

Em momentos como “obrigado, presidente, por esta ilustre visita”, “o Senadinho, honrado não pensava, francamente, que o seu primeiro diploma outorgasse ao presidente”, ou ainda “‘Plante que o João garante’ é também o nosso lema”, demonstra-se que os membros do Senadinho estavam muito satisfeitos e honrados com a visita do presidente, corroborando o caráter de homenagem da confraria a ele, diferentemente dos manifestantes do lado de fora do Café. Os episódios desse 30 de novembro não foram noticiados apenas no dia seguinte; durante anos a Novembrada e também a “diplomação” do Presidente Figueiredo foram rememorados em notícias de jornais catarinenses¹⁶.

No entanto, com o passar dos anos, a Novembrada e a relação desse episódio com o Café Ponto Chic e a Confraria Senadinho foram tomando outros significados. Isso fica visível nas comemorações de 30 anos da Novembrada, em 2009: de apenas um Café onde o presidente recebera uma homenagem, passou a ser visto como o próprio lugar símbolo da luta contra a ditadura e de redemocratização do país. Ao ser consultado para comentar sobre a Novembrada em um novo contexto – ou seja, 30 anos depois –, Tremel ressignifica sua ação de diplomar Figueiredo, ressaltando que o objetivo era incentivá-lo “à abertura política” (in ESPÍNDOLA, 2009). Nas comemorações de 30 anos é possível perceber a construção da ideia de que o Café Ponto Chic e o Senadinho significaram naquele momento um símbolo de luta contra a ditadura. O caráter de homenagem ao Presidente Figueiredo é deixado para segundo plano. Isso é ainda mais reforçado na placa comemorativa de 30 anos da Novembrada – localizada em uma parede externa do Café que dá para a Rua Felipe Schmidt –, que diz o seguinte:

¹⁶ Algumas notícias sobre a Novembrada levantadas durante esta pesquisa: PROTESTOS e tumulto não impedem apoio de Figueiredo a Sidersul. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, p. 2-4, 1.º dez. 1979; NA GUERRILHA do calçadão. **Jornal da Semana**, Florianópolis, p. 1-5, 1.º dez. 1979; A DESORDEM no limite. **Veja**, p. 20-21, 5 dez. 1979; SIDERSUL sairá. O presidente não decepcionou. **Diário Catarinense**, Florianópolis, p. 1, 1.º dez. 1979; MARTINS, Celso. Novembrada de Florianópolis faz 15 anos. **O Estado**, Florianópolis, 30 nov. 1994; MARTINS, Celso. Um general acossado pela multidão. **A Notícia**, Florianópolis, 28 nov. 2004. ANCapital, p. 6-7; ESPÍNDOLA, Marcos. Senadinho e a homenagem ao Presidente Figueiredo. **Clic RBS**, Florianópolis, 27 nov. 2009.

Feliz o povo que detém em seu seio cidadãos cujo ideal de liberdade vence barreiras e transpõe obstáculos, mesmo pondo em risco a própria vida! O bravo e heroico povo catarinense, inconformado e desafiando o poder do regime ditatorial implantado no país, veio às ruas da capital apresentar seu protesto, constituindo-se este local no marco inicial de um movimento histórico que culminou com a reabertura do regime democrático no Brasil.

De acordo com Pollak, o trabalho de reinterpretação do passado é realizado sempre em função dos combates do presente e do futuro. Além da produção de discursos, como no caso do relato de Tremel, o enquadramento da memória também se faz por meio de objetos materiais (POLLAK, 1989, p. 9-11), como a própria placa de 30 anos da Novembrada. A placa possui assinaturas do presidente vitalício e do secretário-geral da confraria, o que oficializa o discurso do Senadinho sobre o episódio, 30 anos depois: de valorização da manifestação, mas sobretudo instituindo o Ponto Chic como marco de luta pela redemocratização. Alguém que não tenha conhecimento sobre o que foi a Novembrada possivelmente diria, com base nas notícias de 30 anos e da placa comemorativa, que a diplomação ao presidente foi mais um evento jocoso e irônico do que uma homenagem de fato. Esse aspecto também é perceptível nos requerimentos e nas notícias do Movimento SOS Ponto Chic, conforme visto anteriormente.

O caso da Novembrada é muito significativo para discutir a questão da construção da memória, pois evidencia que, dependendo da situação ou do contexto, determinados elementos são “esquecidos”, lembrados ou até mesmo ressignificados. Num momento em que os horrores e aspectos negativos da ditadura militar têm sido cada vez mais pontuados, torna-se muito conveniente mencionar a oposição ao governo militar.

No “Museu do Senadinho”, a confraria logo é relacionada com a diplomação do Presidente Figueiredo e com o episódio da Novembrada: “Como resultado, o Senadinho no Café Ponto Chic sempre será lembrado como um marco na história da redemocratização do Brasil”. Mais à frente, menciona-se: “Esteio da cidadania e reduto da resistência democrática”. O discurso desses painéis contribui para o “trabalho de solidificação de memória” (POLLAK, 1992) sobre o episódio da Novembrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todas as memórias construídas sobre a trajetória do Ponto Chic, no contexto que procurou justificar o Café como um patrimônio da cidade, aquela configurada no “Museu do Senadinho” conferia ao estabelecimento uma aura de lugar de memória, de distinção dos outros espaços da cidade, sinalizando que esse local “tinha história”. Atualmente, em virtude das reformas em seu espaço físico, um transeunte que não conhece a história do Ponto Chic dificilmente diria que o Café possui mais de cinco décadas. Nada lembra os anos 1940, a não ser o próprio prédio onde o Café está instalado. Nesse sentido, a remoção dos painéis, fato que ocorreu em novembro de 2012, certamente altera a percepção dos moradores da cidade e dos visitantes acerca do Ponto Chic, pois pouco a pouco a memória que os painéis queriam reforçar vai sendo silenciada, contando apenas com os relatos dos antigos frequentadores do Café.

REFERÊNCIAS

ABAIXO-ASSINADO dos cidadãos residentes em Florianópolis, e de turistas, dirigido à prefeita Ângela Amin, pedindo a reabertura do Ponto Chic. Florianópolis, 4 e 5 de outubro de 2004. (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral** – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1989. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

ATA da reunião sobre a reabertura do Café Ponto Chic. Florianópolis: 18 de abril de 2005 (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

COSTA, Glaucia Dias. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis**: décadas de 50, 60 e 70 do século XX. 2004. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CUNHA, Miltinho. Ponto Chic. **O Estado**, Florianópolis, 28 set. 2004.

ESPÍNDOLA, Marcos. Senadinho e a homenagem ao Presidente Figueiredo. **Clic RBS**, Florianópolis, 27 nov. 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 10, n. 24, 2009.

LOUREIRO, Anderson. **SOS Café Ponto Chic**: Movimento Popular pela Reabertura do Café Ponto Chic – “Senadinho”. Requerimento. Florianópolis, 29 de setembro de 2004. (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

MAKOWIECKY, Norton. **Bens imateriais – Café Ponto Chic**. Parecer n.º 105/05 da Subprocuradoria de Urbanismo, Patrimônio e Meio Ambiente – Supama. Prefeitura de Florianópolis. Florianópolis, 15 de março de 2005. (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

MARTINS, Ana Luiza. **História do café**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. **Revolta em Florianópolis**: a Novembrada de 1979. Florianópolis: Insular, 1995.

OBRA do Senadinho fica pronta em julho. **A Notícia**, Florianópolis, 17 jun. 2005. ANCapital.

O CHARME que ficou para trás. **O Estado**, Florianópolis, p. 8, 25 e 26 set. 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIRÓZ, Rogério. Não deixemos fechar o Ponto Chic. **O Estado**, Florianópolis, 28 set. 2004.

QUEIROZ, Rogério *et al.* **SOS Café Ponto Chic – Movimento Popular pela Reabertura do Café Ponto Chic**. Requerimento. Florianópolis, 28 de setembro de 2004. (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

RICHTER, Fábio Andreas. **Corpo e alma de Florianópolis: o patrimônio cultural na ação do governo do município – 1974-2008**. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RIEDERE, Carlos Alberto; ARAÚJO, Suzane Albers; ROCHA, José Rodrigues. **Café Ponto Chic**. Ofício IPUF. Florianópolis, 19 de outubro de 2004. (Processo n.º 28.522-2004 GPPE, Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, Fundo PMF, Subfundo Procuradoria).

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. Homens de letras e cidade: espaços de sociabilidade intelectual na cidade de Natal (1889-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 27., 2013, Natal. **Anais...**, 2013. p. 1-17.

SOS Ponto Chic. **A Notícia**, Florianópolis, 25 set. 2004. ANCapital.

STODIECK, Beto. **O Estado**, Florianópolis, p. 12, 3 fev. 1978a.

_____. **O Estado**, Florianópolis, p. 14, 25 fev. 1978b.

TREMEL, Edy Leopoldo. Trovas do Senadinho. **Diário Catarinense**, Florianópolis, p. 2, 30 nov. 1979.

VEIGA, Eliane. **Ponto Chic e Café Senadinho**. Organizado pelo Setor de Pesquisa Histórica da Casa da Memória de Florianópolis, Florianópolis, 2005.

ZANIRATO, Silvia Helena. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 145-160, out. 2009.